

Suplemento Dominical de «Republica»

Numero 1566

Médias e Mínimas, nota-se a reacção salutar e espontânea contra a sordidez que cheira á pulhice e que, por brilhar dentro da farda do académico não tem o direito de perverter o gosto e desregrar os costumes.

Assim como o *bon humor* que anda nas letras inglesas é uma qualidade innata á raça, porque os russos, os alemães e os scandinavos não possuem essa disposição instintiva para o gracioso e a malícia inoffensiva, a ironia que arranha, a satyra que estufa, o sarcasmo que sarja e a chalaca que avilta—são attributos exclusivos da raça latina.

Somente um hespanhol solitaria nas estradas da península, ao trote fatigado das cavalgadas, o fidalgo D. Quixote e o seu escudeiro Sancho Pansa!

Somente um italiano, da raça de Juvenal e da estirpe de Marcial, fundiria a *Divina Comédia*, fazendo do Inferno, terror dos tímidos e castigo dos máus, uma obra combativa!

Somente um francês, do sangue de Voltaire e do espirito crystallino de Renan, escreveria o *Journal de Epictète* e a *Ilha dos Pingüins*.

Somente um homem de raça lusa, crearia Joaquim Alves Pacheco e o illustre Sr. Conselheiro Accacio.

E o *Torturador*, de Daudet, como o *Brás Cubas*, do nosso Machado de Assis, como esse *Felippone*, da *Anacréntica* de Horacio Quiróga, que tinha um inexgotavel deposito de liguas na laringe, são typos que ficarão de pé, através os tempos e as edades, com os caracteristicos das suas raças respectivas, unicos, soberbos, inconfundiveis na literatura universal.

Todavia convém salientar que esse chamado *humorismo britannico* do mestre do *Quincas Borba* e de *D. Casmurro*, é mais ironia latina do que humorismo propriamente dito.

A obra de Machado de Assis é profundamente humana, visando um fim humano de perfeição e estímulo, apezar da misanthropia do artista excelso que a creou.

A sua ironia, que por vezes sybilla como a satyra, é doce e resignada, quasi humilde; tem intonações de conselhos e gestos complacentes de perdão á maldade dos homens.

Como ensinou Brunetiére, os escriptores, para serem estudados, precisam fronteiras que os limitem e escalas divisorias que os classifiquem.

Por isso o escriptor que tiver um grande senso critico e uma grande coragem para estudar o fecundo homem de letras fluminense, ha de primeiro collocar o n'uma chave especial:—entre os ironicos e os humoristas.

A ironia é uma flôr mental das doces terras de França,—nascida da

Cleopatra

*Nu vermelha mansão, votada ao fogo eterno,
Cleopatra que o céu em seus peccados puniu.
E' a flor maravilhosa entre as pedras do inferno.*

*E é a mucina expressão o clamor em que se une
O encanto do seu rosto á atribulada freguezia,
Que duma ansia de sede ella se quer immune.*

*A' soluçante voz desse prantear, á magoa
Da rainha, Satanaz se metamorfoseia
Em piedoso, e lhe offerta, extravezando de qua*

*A taça que, sedenta, aquella bocca ansia:
—Bebe! com tua sede estancará a lembrança
Da vida. — Então, feliz, mirando a taça cheia*

*Cleopatra falou: Quera qualquer provanca;
Na tortura da sede immerso o pobre ser,
E, perto, a fonte que o mentubio nua alimmenta:*

*Eu quero supplir, sem forças pra reuser;
A bocca não premir nem de subtil paroma
Ao beijo que é carão... mas não quero esquecer*

*Dos beijos que gostei, am só de Marco Antonio!
Eu não quero beber, que a taça tem resabios
Não durma o meu destino á acção desse estramónio.*

*E num gesto da mão, aos seus motivos sabios
Joga a taça de si, só por lembrar a gloria
E estanca a sua sede ás gottas que, nos labios,
Lhe verte o coração pejado de memoria!*

Acy Coelho

maleabilidade da lingua e da subtileza do espirito francês.

Nas letras da raça lusa apenas Eça de Queiroz, dando á velha lingua dos tropeiros a ductilidade e a plasticidade da lingua francesa, poudé apprehender o espirito gaulês, dissecante e analytico, mas que anatomisa de luvas e punhos de renda.

Porque a ironia de Camillo é um tanto crúa, macissa e pedagogica, talvez devido ao excesso de purismo e de cha áca, enquanto a de Fialho tem o silvo da satyra e a brutalidade do sarcasmo.

As vèzes, lhe vem em auxilio o remó que e a surriada; quando não o calão pesado, sem nenhum disfarce literario.

Mesmo Ramalho, o grande Ramalho das *Fárpas*, não era um exercitador da ironia.

Ria-se, ria-se saudavelmente aos modos do bom rir português, sem rebuços, sem attitudes e sem nenhuma convenção.

E rindo se, cheio de confiança na sua consciencia limpa e na sua bengala solida, ia crivando a cabeça de toiro da *Tolice humana*—de bandarilhas efeitadas.

Era um demolidor de velharias e de idólos ócos!

E si tambem semêiava, prodigamente, idéas sãs, no fundo era um critico impenitente e mordáz.

Destruia fazendo rir abertamente, claramente, a mostrar o avesso das Instituições e dos homens, desde o Rei constitucional ao clandestino poetastro de Trás os-Montes.

Oriso é a mais antiga e, ainda, a mais terrivel forma de critica.

Passe-se sete vezes uma gargalhada em volta de uma instituição—e a instituição alúese; é a Bíblia; diz Eça de Queiroz, que nos ensina, sob a allegoria, geralmente estimada, das trombetas de Jerichó.

Entre nós a ironia também não tem o brilho, a expressão e a elegancia critica com que floresce nas Gallias.

E não tem, ainda, o ar de *Grande Senhora* que os fructes, e especialmente Anatole, lhe dão e que faz recordar mezuras demoradas e cabelleiras brancas.

Anatole, por exemplo, manéja a ironia como quem esgrima um florête de ouro, de cópós, tendilhados e lamina fremente; e tem nella a sua divisa de cavallaria!

Para o estylizador dedicado da *Rouisselle de la Reine Pedauque*, é a ironia que torna a vida amavel.

Companheira da Piedade, é a teste-munha e o juiz da vida humana; escreve elle no *Jardim de Epicuro*.

Não se enfastia do amor nem da belleza. É doce e bondosa.

Seu sorriso pacifica a cólera, ensinando nos a mofar dos maus e dos mbeccis, a quem poderíamos ter a deuidade de aborrecer.

Mas si nos faltam essas brilhantes qualidades dos francezes, refinadas nas Escolas de maneiras, onde se cultivava o amor e o jogo elegante das tpalavras ao rythmo dos minuêtos, sobra-nos a causticidade da satyra, que inflamamos com mais alma e mais destrêsa.

O brasileiro, do garôto da rua aos letrados dos salões, é um satyrico inveterado, e teimoso.

Ninguém lhe sobrepuja no veneno com que érva a ponta das suas farpas.

E ninguém põe mais volupia no saborear uma satyra, mórmente quando, em forma de anecdôta, a satyra assobia e ridicularisa.

Corramos os olhos na *Historia* da nossa literatura e veremos a satyra no seu imperio, de scéptro enguisalhado, nariz d'agua, a bocca em rictus, a lingua bi-partida como a lingua das serpentes, a aljava cheia, rodeiada da sua côrte: o epigramma ferino, a surriada apedrejadora, a caricatura irreverente, o motêjo zombeteiro e a chaláça irritante.

Vejamol-a alliada de Gregorio de Mattos e paradoxalmente ajudando a obra dos desembargadores da Escola Mineira.

Acom anhemol-a com Melló Franco zombando do proprio Santo Officio.

E depois de ter sido tudo e de haver silvado, cravada nos Vice-Reis e nos governadores geraes, intrometteuse até na Inconfidência.

Dáhi para cá, com escalas de gargalhada pela Abolição e pela Republica,

Santos Lostada

Conheci Santos Lostada muito de perto. Gozei o seu trato ameno e culto.

Os grandes espiritos só nos mostram a sua aureola quando os vemos de longe, a medida que delles nos approximamos, essa aureola vai perdendo a sua luminosa densidade e desaparece por completo quando os tocamos com os dedos e sentimos a mesma carne e os mesmos ossos de toda gente, naquillo que nos parecia, a distancia, algo de celestial e extra humano.

Em Santos Lostada, porém, quanto mais o ia conhecendo e com elle privando, maiores e novos motivos de admiração descobria eu, embevecido, num extase que durou todo um largo período!

A rectidão do seu espirito, organização moral duma invulnerabilidade a toda prova, a lucidez communicativa dos seus conceitos e ideias, a sua sempre acolhedora tolerancia, tudo nelle era esportagueo e captivava, prendia, dominava.

Só uma coisa o revoltava: a musica. Quando isso acontecia, a sua penna, ordinariamente duma mansidão acariciadora, tornava-se um florête defensor, manejado por elle, com o punho humil de um esgrimista perito. Mas se o inimigo de hontem lhe pedia hoje a mão reconciliadora, elle lh'a estendia, sem reserva, sem hesitação, alegremente, fraternalmente.

E era sincero.

A sua fidelidade aos amigos não a quebravam facilmente as maledicencias e intrigas tão vulgares na vida de imprensa. Previdente e bom, prevenia-se contra ellas; e só deante de repetidas e irrecusaveis provas contra a sinceridade dos amigos é que rompia com elles, mantendo-os a distancia, não com verrinas jornalisticas ou verbaes, mas pela posição desconfiada e muda em que os escutava e que, por desnatural, os confundia e afastava.

Toda essa fidalguia do trato quotidiano era para mim, que a observava muitas vezes, motivo de real admiração, que não perdia de intensidade, antes crescia sempre, mais e mais.

E por isso eu o ouvi sempre naquella pasmada postura que tomara o insinuante Eça em presença do suave Anthero...

Gustavo Neves

(Do Discurso de recepção na Academia C. de Letras)

esfusia em todos os cantos da vida nacional.

Sob a fórma de anecdota-impopularisou um governo do paiz.

Othon d'Eça

Para esquecer magoas...

Eu também tenho a minha mania; e poucos são os que não a tem por exemplo: uns, nas *horas vagas*, fazem versos ingulhentos de pés quebrados; outros, menos sonhadores e mais praticos, colleccionam sellos e alguns, que não se conformam que o homem come para viver, gastam as suas horas de ocio em copiar receitas da arte culinaria.

Estão a rir? Pois ha dessa especie de gastronomos, sim senhores.

Agora, a minha mania. Pois, eu, estou de ha muito colhiendo uns conselhos interessantes.

Tratá-se de uma receita ou digamos, de um remedio que sirva para fazer a gente esquecer magoas.

Que lhes parece esta?

É uma, como qualquer outra mania.

Foi ouvindo e lendo que eu pude realizar o meu ideal: cá tenho todas as notas e impressões que lhes offereço.

Um amigo meu que costumava discurrir com diffusa sagacidade, a misturar com largos gestos declamatorios, sobre certos assumptos que deixavam a gente com vontade de rir e chorar ao mesmo tempo, disse-me que, certa vez, se consolara de uma grande e negra tristeza, sabem como?... entregando-se com afinc ao estudo da astrologia. Bis ahí um remedio.

Muitos rirão da receita e dirão que subiu demasiado o meu amigo para refugiar-se com a sua magoa no seio dos astros, immerso na noite trevesa do kabalismo.

Há outros methodos cá por baixo, mais á rama que consolam também.

O suicidio por exemplo... a embriaguez... mas, confessem que isto tudo é muito commum e o homem precisa ser original, ao menos, uma vez na vida!

Não divaguemos; vamos agora ouvir um pobre desconsolado d. Juan, que se apresenta sem guitarra e sem capa dizendo na «historia de sua ultima aventura»: remedios para esquecer males e tristezas?

Só há um... que é o consolo que sentimos quando contamos a nossa historia...

Que horroroso seria o mundo, dissemos nós, si cada um tivesse de contar as suas magoas e isto num livro!

Si os corações lanceados escrevessem as suas historias para esquecer tristezas que os pungissem...

Não, esta receita é horrivel! Este mundo já é um valle de lagrimas...

Outras receitas ainda colhi eu; mas, vae alta a noite.

Eu de mim não sei si poderá haver consolação para magoas e tristezas.

Quando ellas são grandes e profundas, morrem connosco.

Cavam fundo nos nossos corações a lura onde se enroscam, como fazem as viboras.

Há alguém que não as tenha sentido?

Ellas poem sulcos de dores nas nossas faces, vestem de crepe a nossa alma e encanecem até em horas, quando são profundas, os nossos cabellos!

Apagal as, esquecel-as, quem as pode?

Mas, occorre-me agora uma receita.

Aproveitem-na os que padecem e desesperam.

Vos, os que tendes os corações lancçados pelos dissabores e tristezas, ide como eu, dormir.

O somno é um bom amigo e eis que o sinto cerrar-me docemente as palpebras.

Os que isto lerem, hão de dizer... enfim, cada doido com a sua mania...

Oswaldo Nello

Flor Lyrica da Raça

Alvorocou as nossas rodas litero-sociaes a noticia da vinda proxima a esta capital, de Margarida Lopes de Almeida, interprete e esculptora.

Quiz um destino venturoso, que se reunissem nesse milagre lyrico da raça, o dom de esculpir, nos metros alados da lingua, imagens de belleza, e o de exprimir, num *fiat* na pedra bruta, a propria belleza em imagens. Margarida, sendo physicamente—unia esculptura de força e graça, as suas mãos, a cabeça, os labios, os braços criam, movimentam fôrmas, resuscitam cadencias obscuras, dizem o infinito e a sua grandeza esmagadora, presentem, tacteiam, buscam, modelam rythmos diferentes, impetuosos, desordenados, macios.

As suas mãos, brancas e longas, finamente estylizadas, têm um dominio quasi absurdo, por surpreendente. Dir-se-ia amansam, conduzem ventos selvagens, colhem lyrios invisiveis, ba lançam o ether, esparzem estrellas, e, em gestos rythmados, perpétuam, simplificam o universo. Essas mãos de arte desenharam as curvas graciosas das ondas, a leveza da nuvem, o bracejar das arvores, o desfolhar lento e languido das rosas.

Já se observou, argutamente, que, na interpretação dessa maravilhosa flor lyrica da raça, até as poesias mediocres se transfiguraram em obras primas. Porque o prodigio? É que a predeterminada transmite, com o sentimento

pessoal do autor, a emoção profunda com que a dotou a natureza perdulária. Dahi a nossa lingua avelludar-se, enriquecer em nuanças e sons indefiniveis, conter o imperceptivel, o imponderavel, phosphorear, sem cascalho, inebriante e unica!

Só os que a ouviram, muitas vezes, poderão comprehender o mysterio augusto de sua arte e de sua alma. Pouco a pouco, a proporção que a estatua irretocavel de seu corpo modela o invisto, reproduz estados emocionaes, ou convulsões oceanicas, é que se percebe a magia do rito simbólico em que os nossos sentidos se iniciaram. Porque a estatua esbelta se dynamiza, e a attitude completa a voz com que se queixa, brame, ou perdôa... e os olhos magnetizam a propria luz, as narinas e a bocca fremem, desejando mundos, e a cabeça de passaro soberano compassa, illustra os vocativos, as modulações, a architectura movel, undulante do que diz...

Ella é a flor lyrica de nossa raça, flor de cultura, cuja seducção é a da propria terra exuberante, radiosa, tropical. A melancolia e a volupia da poesia brasileira, Margarida transmite lucidamente, para prazer das multidões. Ella é a detentora das almas que a escutam, emocionadora, a que não escapam as sensibilidades mais frias, a privilegiada feliz.

Rejubilemo nos, gratamente, à reaparição da laureada patricia, entre nós, na tarefa admiravel e util de educar as platéas indifferentes no culto da eterna Belleza.

Francisco Excelso

Santa Catharine

O sr. Agostinho de Campos, escriptor lusiada, n' *O Jornal*, em artigo de ironia amavel, refuta o Conde de Alfonso Celso nacionalista. Referindo-se ás populações meridionaes brasileiras, salienta, sob o aspecto immigratorio, os povos paulista, paranaense, gaúcho e "santa catharinez".

Eramos, até agora, sem alarde, mas convictamente, berrigãos verdes ou catharinenses, antes da etymologia pittoresca do sr. Agostinho de Campos, cuja profundeza deve ser examinada, no retroagir ás raizes do vocabulo que rotula o nosso Estado.

Os elegantes, que os ha, embora em pequeno numero, entre nós, acceitarão o epitheto de santa catharinezes? As nossas graciosas conterraneas, esvoaçantes e leves, o de santa catharinezas? Talvez fosse util um inquerito ou plebiscito... Tenha a palavra a juventude brilhante, dos dois sexos, para coroar de rosas ou espinhos a imaginação do sr. Agostinho de Campos...

Maximas... medias e minimas...

(Do livro a saber)

Costumamos chamar de meia cara uma coisa que se consegue de graça. A meia de seda vem provar o contrario, pois é uma meia cara, pela qual pagamos muito.

A mulher representa para o homem um verdadeiro manicomio, porque elle só se casa quando está louco... de amor.

Com operações mathematicas As mulheres ficam tontas, Mas, porfim, melhor que os homens Ellas fazem grandes... contas.

Os homens de negocios nunca vão atraz das juras de uma mulher rica e sim dos juros.

Diz um proverbio innocente Em seu saber tão profundo: Quem deve aqui, certamente, Vae pagar lá no outro mundo.

Esse proverbio, que aterra: Serve a muitos cavalheiros, E é por isso que na terra Vivem tantos caloteiros.

As leis no Brasil são admiraveis e curtas. Ainda não vi uma só que fosse cumprida.

O que mais horroriza ás mulheres é o passado. Por isso mesmo ellas gostam muito do presente.

A sciencia das finanças E' sciencia da incerteza Receita sempre foi renda, Mas de medico é despesa.

O Carnaval é a unica festa em que o povo pôde dar demonstrações da sua amargura, pois só nessa época elle tem o direito de fazer *caretas*.

Um *vale* que a gente só consegue depois de muito chorar deve dar bem a idéa do mundo: é um *vale de lagrimas*.

O diploma é como o peixe. Que faz um ou outro?—Nada.

Certo casal que eu conheço Vive em completa harmonia Ella não o vê de noite Elle não a vê de dia.

O Hospicio deve ser uma casa de pouco pão: ali todos gritam e ninguém tem razão.

EDUARDO FARIA